

UMA ANÁLISE DAS CONTRIBUIÇÕES DOS PROTAGONISTAS NEGROS NO PROCESSO IDENTITÁRIO DAS CRIANÇAS, ATRAVÉS DAS OBRAS “BRUNA E A GALINHA D’ANGOLA” E “AS TRANÇAS DE BINTOU”

José Roberto de Oliveira Santos ¹

RESUMO

A representatividade negra na literatura infanto juvenil ainda é uma problemática para a escola, pais e crianças, especialmente devido à escassez de títulos desta temática no mercado literário. Tais enunciações contemporâneas que geram discussões sejam em casa, na escola, nas redes sociais ou ainda nas universidades, se forem abordadas em consonância com as competências socioemocionais permitirão desenvolver em sala de aula a autoestima, a empatia, e habilidades de relacionamento, fazendo com que as crianças cresçam mais seguras, conscientes e independentes. Desse modo, surge este artigo que tem como objetivo analisar as contribuições dos protagonistas negros no processo de identidade das crianças, através de obras literárias infanto juvenis. Para tal, realizou-se uma revisão da literatura através de artigos e teses, bem como, uma análise de duas obras literárias: Bruna e a Galinha D’Angola, escrita por Gercilga Almeida, e, As Tranças de Bintou, de Sylviane Anna Diouf, que serviram de base para a pesquisa. Contém informações importantes retiradas das páginas dos livros e se transformaram em verdadeiros ensinamentos para a construção da identidade das crianças, como por exemplo, o respeito às diferenças, o combate ao racismo, entre outros. O artigo está fundamentado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96 e na Lei nº 10.639 de 2003, que estabelece as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-raciais para o Ensino de História e Cultura Africanas e Afro-brasileiras. Contudo, espera-se por ser uma temática atual, que seja valiosa para estudos futuros e reflexões na área da educação.

Palavras-chave: Representatividade, Protagonistas negros, Literatura infanto juvenil, Identidade, Crianças.

INTRODUÇÃO

O poder do livro e da leitura é incontestável para a formação identitária de um indivíduo, contudo, o protagonismo negro na literatura infanto juvenil ainda é um problema, seja ele devido à escassez de títulos no mercado, ou ainda à ausência da metodologia abordada em sala de aula pelo professor. Outra questão preocupante é que a maioria dos contos de fadas e histórias apresentam padrões de uma sociedade narcisista, onde sempre princesas e príncipes são iguais:

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Cultura – PRODIC, pela Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL.
E-mail: roberto-oliveirasantos@hotmail.com

brancos e de olhos claros, realidade bem diferente da que vivemos e nos relacionamos. A partir destas informações abre-se um verdadeiro leque de indagações: como os livros infanto juvenis com protagonistas negros podem contribuir com o processo da formação identitária das crianças? Qual a importância de as crianças se identificarem com os personagens? E, como as crianças veem a questão da representatividade negra na literatura infanto juvenil?

Assim, diante desta problemática surge este artigo, que tem como principal objetivo analisar as contribuições dos protagonistas negros no processo de identidade das crianças, através de obras literárias infanto juvenis. O mesmo apresenta como documentos norteadores duas obras da literatura, descritas no título do artigo, as quais foram analisadas, e serviram para responder os questionamentos propostos.

A pesquisa aqui abordada é a bibliográfica, ou seja, aquela que utiliza fontes constituídas por material já elaborado, constituído basicamente por livros e artigos científicos. A mesma é de cunho qualitativo, e que abrange crianças e jovens, por isso, é importante mensurar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394, de dezembro de 1996, que trata inicialmente da Educação Infantil, colocando-a, de fato, como a base para a formação de um indivíduo, nos mais distintos aspectos, sejam eles físico, psicológico, intelectual, social e ainda identitário. E, que segundo a mesma, no seu Art. 29 destaca esta modalidade de ensino como a etapa primordial para o seu progresso, e que tem como principal objetivo fomentar o desenvolvimento integral da criança de até 5 anos de idade, mensurando ainda a importância da ação familiar e da comunidade.

De fato, a criança se for orientada desde cedo terá boas referências para a construção da sua identidade. E, a literatura é um meio pelo qual pode contribuir diretamente para isso, pois quando a criança é estigada a ouvir e ler livros que trazem abordagens que valorizam a representatividade negra, são capazes de colaborar para tal formação, fazendo assim do livro, um canal de inúmeras possibilidades.

E, entre tantas possibilidades se destaca a necessidade de se abordar o tema da valorização étnico-racial. Por isso, é importante informar que este artigo ainda está fundamentado na legislação vigente onde torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira como mecanismos estratégicos para a promoção da diversidade no âmbito escolar, dando ênfase a Lei nº 10.639, em 2003, que deliberou pela aprovação do parecer que estabeleceu as “Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-raciais para o Ensino de História e Cultura Africanas e Afro-brasileiras”. Tal lei abre um verdadeiro leque e uma composição de diálogos entre sociedade e escola sobre a temática. E, sobre isso, a autora AMÂNCIO (2008) diz que é

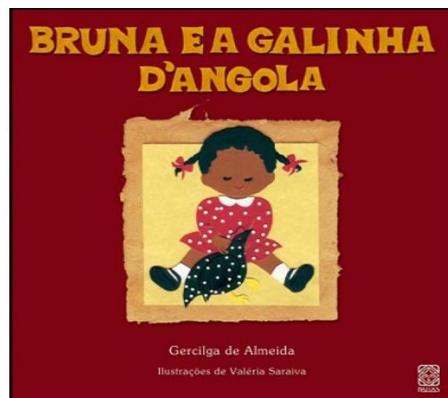
Por isso, o diálogo escola/afro-brasilidade – ação pela Lei nº 10.639, em seu potencial de interatividade –, além de alterar o lugar tradicionalmente conferido à matriz cultural africana, resgata e eleva a autoestima do alunado negro, de forma a abrir-lhe espaço para uma vivência escolar que respeite como sujeito de uma história de valor, que é também a do povo brasileiro. (AMÂNCIO, 2008, p. 37)

E dentro desta perspectiva, a autora, nos mostra que é necessário que haja uma comunicação reflexiva acerca da representatividade da negritude capaz de valorizar a história cultural dentro e fora dos espaços escolares, permitindo que as crianças e os jovens se sensibilizem para a questão do respeito às diferenças.

UMA ANÁLISE DAS CONTRIBUIÇÕES DE BRUNA E BINTOU

A partir desta seção, iremos analisar de que forma as obras literárias com protagonistas negros podem contribuir com a formação da identidade das crianças, independentemente que ela seja preta, branca, amarela, parda ou indígena, assim como descreve o Censo 2022. De fato, sabemos que a questão de raça e cor, no momento da atual conjuntura sociopolítica que vive o Brasil é algo que deve ser vista com atenção e cuidado para não infringir os direitos do indivíduo e principalmente, cause-lhe desrespeito.

Iremos assim, averiguar de fato, as contribuições em duas obras distintas, voltadas para o público infanto juvenil: Bruna e a Galinha d'Angola e As Tranças de Bintou, ambas com temáticas africanas que evidenciam o grande poder pedagógico, histórico e social, capazes de transformar e permitir que o público leitor aprenda e leve para toda a sua vida os ensinamentos através da leitura. E assim, apresentaremos a primeira literatura que serviu de pano de fundo para esta discussão:



Fonte: Bruna e Galinha D'Angola (2004)

A obra Bruna e a Galinha d'Angola, escrita por Gercilga de Almeida e é um grande documento norteador para na transmissão de valores culturais, para a preservação da memória,

para ensinar a respeitar as tradições africanas, bem como ensinar os primeiros passos da educação étnico-racial para todos. Mas, além de tudo isso, o livro consegue através de uma linguagem fácil e acessível a todos, mostrar a importância para o processo da desconstrução do preconceito que venha a existir na imaginação e na vida da criança e do jovem que está ainda no processo de sua formação identitária.

O destaque inicial na obra é quando a personagem principal, que nomeia o título do livro, costuma ouvir as histórias contadas por sua avó – uma mulher preta, africana – e que ao transmitir seus conhecimentos através das lendas de sua aldeia, faz com que seus ensinamentos “saíam” das páginas e adentrem nas vidas do leitor, em especial do pequeno leitor. Nesse contexto, aprendemos através da ancestralidade negra da personagem Nanã, avó de Bruna, que precisamos de mais adultos e idosos que façam esta ponte de informações, para ajudar em seu processo de construção identitária. E esse ato de contação de história é essencial para a construção do mundo imaginário infante juvenil com suas vivências e práticas, assim como afirmam PALO e OLIVEIRA (1986)

Contar histórias para crianças sempre expressou um ato de linguagem de representação simbólica do real direcionado para a aquisição de modelos linguísticos. O trabalho com tais signos remete o texto para alguma coisa fora dele, de modo a resgatar dados de um real verossímil para o leitor infantil. Este, tratado fisionomicamente sob o “modo de ser” do adulto, reflete-se para a produção infantil como um receptor engajado nas propostas da escola e da sociedade de consumo. Deverá, sobretudo, apreender, via texto literário infantil, a verdade social (PALO, OLIVEIRA, 1986, p 09)

Além disso, o vocabulário existente na obra permite que as crianças e jovens, assim como Bruna, despertem sua curiosidade para novas descobertas, capazes de ampliar seu mundo das palavras e dos significados. Muitos são os vocábulos que contribuem no processo cognitivo e afetivo das crianças, entre elas destacamos: “panô”, “conquém” e “Òsún”.

Ainda partir da leitura desta obra, notamos que a mesma traz uma reflexão acerca de viver em harmonia com as pessoas, bem como nos faz lembrar daquele velho ditado popular “ninguém é uma ilha”, pois, na história, Bruna era solitária, vivia muito triste, e, após ganhar a galinha de sua avó passou a ter o animal como principal companheiro, porém, mais do que isso, fez com que outras crianças da sua tribo se aproximassem dela, mas não por interesse, e sim porque a menina Bruna, agora, se permitiu aceitar outras pessoas ao seu redor, assim como conta o livro. No artigo Raízes Negras do Brasil presentes na Obra: Bruna e a Galinha D’Angola, a autora Rafaela Dayane Ribeiro Lucena fundamenta o que foi escrito anteriormente.

Desde que Bruna ganhou a galinha nunca mais a menina foi vista só, pois além de sua companheira fiel a galinha, ela vivia rodeada pelas outras crianças da aldeia. Elas passavam o dia cantando e dançando, cavando no quintal da vó de Bruna, assim Bruna passou a se sentir uma criança mais feliz. (LUCENA, 2018, p. 06).

Outro fato que deve ser mencionado é sobre Nanã, avó de Bruna, nome este que faz menção a um orixá. A partir disso, podemos perceber que a autora do livro, aproxima o pequeno leitor da religião de matriz africana, tão massacrada pela sociedade preconceituosa. No sincretismo religioso, Nanã representa Nossa Senhora Sant'Ana (ou Santa Ana). Sabe-se que ela foi a mãe de Maria de Nazaré, portanto, a avó de Jesus. E essa relação nos permite refletir sobre quão é importante o contexto familiar para as crianças dentro dos seus lares, em especial às crianças negras, pois é a partir deste acolhimento que a construção de suas vivências será edificada.

A segunda obra literária a ser analisada é intitulada *As Tranças de Bintou*, cuja autora Sylviane Anna Diouf é historiadora e curadora da diáspora africana. No seu currículo traz uma vasta experiência sobre a representatividade étnico-racial, especialmente na Literatura.

O livro foi publicado no ano de 2004, sendo o primeiro de sua autoria, voltado às crianças, e, por sua vez, foi inspirado nas histórias contadas para seu filho. Mas, será que este livro de literatura tem alguma contribuição com a educação e formação da identidade de pequenos leitores? Para responder esta pergunta apresentamos-lhes na imagem abaixo, a protagonista negra desta fabulosa obra, a menina Bintou:



Fonte: *As Tranças de Bintou* (2004)

O início da história se dar com a apresentação da personagem principal, a menina Bintou. Ela se olha nas águas de um rio da sua localidade e se descreve como alguém que não está satisfeita com a aparência do seu próprio cabelo: “meu cabelo é curto e crespo. Meu cabelo

é bobo e sem graça. Tudo que tenho são quatro birotos na cabeça” (DIOUF, 2004). Na narrativa. Bintou, ao desejar ter outro tipo de cabelo, logo nos remete a quantidade de crianças e jovens negras que tem esse mesmo desejo, principalmente pela ausência de informações essenciais sobre a questão do que a negritude representa para o crescimento enquanto ser humano, e que de fato, essa ausência está dentro do meio que vivemos. Por isso é fundamental que as crianças tenham conhecimento desde os primeiros anos, e aprendam no seu convívio que a cor da pele escura e o cabelo crespo definem não somente uma raça, mas, muito mais do que isso, representam uma história de luta e de resistência. E a partir deste pensamento, que GOMES (2003, p 180) fala sobre a valorização dentro de uma estética de forma que ver a manipulação deste cabelo negro “como continuidade de elementos culturais africanos ressignificados no Brasil poderá nos pôr em contato com a história, a memória e a herança cultural africana presente na formação cultural afro-brasileira.”

Algo que deve ser mencionado é que na história não vemos uma criança reprimida, que se sente excluída da sociedade, mas sim uma criança que quer ser igual às outras mulheres da sua tribo.

Os ensinamentos da personagem Vovó Soukeye, mulher negra, é outro ponto que nos leva a refletir sobre as contribuições que permeiam este artigo, pois a anciã ao dizer “Querida Bintou, quando for mais velha, você terá bastante tempo para a vaidade para mostrar a todos a bela mulher que você será. Mas, agora, querida, você ainda é apenas uma criança. Poderá usar tranças no momento adequado” (DIOUF, 2004). Ao analisarmos esta citação, vemos não somente os conselhos de uma pessoa mais experiente, mas sim, ensinamentos os quais serão levados por toda a sua trajetória durante a vida, capazes de contribuir no processo formativo da identidade, seja de Bintou o de qualquer outro leitor. Assim a Vovó Soukeye, nos mostra que não precisamos ter pressa para chegar a determinadas situações, tudo é questão de tempo, e que os birotos na cabeça estão relacionados aos costumes locais, e que a pequena menina negra ao crescer passará a herdar as tranças, as roupas coloridas e demais artefatos usados pelas mulheres jovens, adultas e idosas da sua convivência.

E, no caso das contribuições, em especial para a criança, nos faz compreender que ela precisa passar por todas as fases: brincar, correr, cair, chorar, sorrir, se machucar, estudar, até se tornar um adulto por completo. E, isso nos remete às fases do desenvolvimento infantil, que acontece desde seu nascimento – o estágio sensor-motor –, passando pelos estágios pré-operacional e operacional concreto, até no último – operacional formal – o qual se dá a partir dos 11 anos de idade.

Nesta obra ainda constatamos a exaltação da beleza e admiração da beleza negra por parte da protagonista quando faz referências à irmã Fatou, às tias Aida e Safy, e até mesmo à mãe. Desse modo, a autora sensibiliza o leitor destacando que as diferenças são necessárias, e permitem fortalecer a autoestima por intermédio de reflexões acerca dos ensinamentos da pequena Bintou.

O livro ainda faz uma conexão com os rituais das comunidades tradicionais, como por exemplo: o batismo no sétimo dia de nascimento do irmão Abdou, bem como a questão da relação entre pessoas de outras culturas, retratado no texto, quando a protagonista conhece Tereza – uma brasileira, a qual percebe sua “diferença”, pelo sotaque.

Os leitores brasileiros também são influenciados a partir dos nomes de origem africana de outros personagens negros existentes no livro. Nomes tais como: Bouba, Yaya, Safy, Abdou, Aida, Maty, Mariama e Soukeye, que não fazem parte do cotidiano, permitindo-lhes, assim, fazer uma comparação com os nomes mais comuns no Brasil, como por exemplo, José, Maria, João, Ana, entre outros.

A obra por intermédio de uma viagem pelo mundo fantástico da imaginação, nos faz ultrapassar as barreiras do tempo, do preconceito, da não aceitação, e nos permite refletir que os valores, as crenças, os costumes, a sabedoria ancestral vão além da estética.

Quantas Bintous, Sylviane Anna Diouf encorajou após a leitura desta magnífica obra, e, fez com que assumissem sua negritude, seu cabelo crespo, sua cor, e vencessem seus anseios que estavam adormecidos? Quantas meninas e meninos negros não se sentiram representados por Bintou, e começaram a si amar mais após a leitura? Por fim, a menina negra que no início da narrativa se questionava por ter quatro biotes no cabelo, encerra a história mostrando que está feliz com seu cabelo negro, brilhante e agora com tranças.

É importante ressaltar que a questão da representatividade nas publicações infanto juvenis não apenas auxilia na educação das crianças, mas de uma forma geral, contribui para a formação identitária de uma sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que foi visto, notamos que as obras literárias são grandes influenciadoras no processo identitário dos seus leitores, sejam eles crianças ou jovens, através da formação conceitual, de valores ou ainda por representações que circulam por toda uma sociedade. A partir disso, fica uma pergunta: o que Bintou e Bruna tem em comum, além da cor? Não responderemos! Deixaremos para o leitor refletir sobre a importância de se trabalhar com textos

literários que fazem referência à cultura negra, os quais permitem com que as crianças e os jovens os utilizem como instrumentos para lidar com alguns tabus relacionados à cor, à autoaceitação, à valorização do outro e ainda como as crianças e jovens se identificam ao folhear obras literárias com temáticas afro-brasileiras. Pois, como bem sabemos, atualmente, os negros e negras ainda aparecem timidamente na literatura, sejam estes como escritores e personagens.

Num país miscigenado, mas que traz arraigado na sua história uma sociedade embranquecida, narcisista e preconceituosa, se faz necessário que haja um maior engajamento na produção de livros de autores negros ou não, os quais tragam em suas páginas mais diversidade, mais representatividade e identidade negra. E, que tal representatividade seja fundamental, para que não haja uma única história sobre os diferentes povos, culturas e lugares.

Outra questão que deve ser pensada é especialmente dedicada às crianças brancas, as quais devem ter ao seu dispor livros de literatura que possuam protagonistas negros e negras, porque certamente ajudará no desenvolvimento de algumas competências socioemocionais, como a amorosidade, empatia e respeito.

Espera-se, finalmente, que este artigo seja de grande valia para todos, contribuindo nos estudos futuros de forma significativa na área educacional, bem como para a sociedade em geral.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Gercilga. **Bruna e a Galinha D'Angola**. Ilustração: Valeria Saraiva. 1. ed. Pallas, p. 24, 2009.

AMÂNCIO, Iris Maria da Costa. Lei 10.639/03, cotidiano escolar e literaturas de matrizes africanas: da ação afirmativa ao ritual de passagem In: AMÂNCIO, Iris Maria da Costa, GOMES, Nilda Lino, JORGE, Miriam Lúcia dos Santos (org.). **Literaturas africanas e afro-brasileiras na prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDBEN. 9394/1996.

_____. Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. Ministério da Educação. “Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana”.

DIOUF, Sylviane Anna. **As Tranças de Bintou**. Título original: Bintou's Braids. 1. ed. Cosac Naify, p. 32, 2004.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. Educ. Pesqui. [online]. 2003, vol.29, n.1, pp.167-182.

Disponível em: https://www.scielo.br/scielo,pdp?pid=S1517-9702200300012&script=sci_abstract&ting=pt. Acesso em 26 de agosto de 2022.

LUCENA, Rafaela Dayane Ribeiro. **Raízes Negras do Brasil presentes na Obra: Bruna e a Galinha D'Angola**. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlije/2014/Modalidade_1datahora_26_05_2014_09_07_32_idinscrito_850_1982425e6abbd79884aa9c2bfb729709.pdf. Acesso em 18 de setembro de 2022.

PALO, Maria José. OLIVEIRA, Maria Rosa. **Literatura infantil voz de criança**. São Paulo: Ática, 1986.